

# Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 3

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)



**Editora**  
**Atena**

Ano 2018

**IVAN VALE DE SOUSA**

(Organizador)

# **Língua Portuguesa, Linguagem e Linguística 3**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Edição de Arte e Capa:** Geraldo Alves

**Revisão:** Os autores

#### Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

L755	Língua portuguesa, linguagem e linguística 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. 3.287 kbytes – (Língua Portuguesa; v. 3)  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-13-0 DOI 10.22533/at.ed.130181308  1. Língua portuguesa. 2. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
------	---

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

E-mail: [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

Esta coletânea lança luzes às diferentes reflexões que compõem os trabalhos dos mais diferentes autores/ pesquisadores que objetivam trazer para o público leitor as múltiplas maneiras e linguagens em que o trabalho com as modalidades comunicativas se inserem. Além disso, o desafio de democratizar as metodologias e as ponderações por seus autores revelam as peculiaridades com que cada um apresenta suas objeções estabelecendo conexões entre as reflexões.

Todos os dezenove trabalhos que desenham uma cartografia robusta à luz dos múltiplos conhecimentos estão inseridos em diferentes correntes e fundamentos epistemológicos, reafirmando que as Ciências da Linguagem tomam rumos diferenciados e se realizam na experiência dos sujeitos, que ora são leitores do próprio enunciado, ora são produtores do discurso.

As ações de ler, escrever, refletir e produzir aproximam as interlocuções dos trabalhos que compõem este volume, justificando que a tensa e robusta cartografia de ideias e objetivações estabelecem à obra uma qualidade diversificada. São diferentes autores que aceitaram o desafio de mostrar aos muitos interlocutores, que lerão estes trabalhos, a justificativa de demonstrar como cada um constrói, reconstrói e estabelece o caminho capaz direcioná-lo na descoberta de novas acepções da linguagem.

Não muito diferente dos objetivos inseridos em cada trabalho é a identidade que esta coletânea recebe. Comungamos do mesmo ideal de que o objetivo deste volume é revelar aos diferentes leitores e pesquisadores como o conhecimento realiza-se mediante a utilização de construção cartográfica dos múltiplos saberes que podem ser construídos no fazer e no compreender a relação da linguagem com seus sujeitos e contextos.

O cruzamento dos muitos discursos que se encontram nesta coletânea expressa nitidamente como fundamentação essencial à ampliação do processo de formação linguística e letramento de seus autores e leitores, a partir dos quatro temas capazes de estruturar o que os interlocutores encontrarão na obra: *leitura, escrita, reflexão e metodologia*.

Os objetivos que dão forma e identidade à coletânea são provenientes de diferentes contextos de utilização e práticas de trabalho com a linguagem e, nessa concepção, os autores/pesquisadores compreendem que todo e qualquer trabalho de valorização da linguagem e suas variações perpassa pela diversidade de conhecimentos na constituição de programas capazes de lançar luzes às etapas do saber.

A noção de diferença entre as reflexões não torna a coletânea um percurso incompreensível do ponto de vista reflexivo, mas, pontua a necessidade de enxergar como a linguagem efetiva-se nas diferentes teorias e práticas defendidas e apresentadas pelos autores. Sendo assim, os dezenove trabalhos que dão forma e sentido a este volume propõem um convite à leitura e aos debates dos textos servindo como acesso aos leitores de outras reflexões no estabelecimento de uma “ponte dialógica” entre

sujeito e conhecimento.

Ivan Vale de Sousa desenvolve no primeiro capítulo a discussão sobre textualidades e o ensino de gêneros textuais no contexto da educação básica, trazendo para o leitor um recorte de suas práticas de trabalho com a linguagem, além de promover frutíferas reflexões partindo de um contexto estabelecido de produção e compreensão de trabalho linguístico com o texto. No segundo capítulo, Artemio Ferreira Gomes e Marcos Antônio Fernandes dos Santos revelam as funções da leitura, escrita e criticidade tendo como *corpus* os textos de acadêmicos de um curso da Universidade Estadual do Maranhão, Campus de São João dos Patos.

Tiago da Costa Barros Macedo, no terceiro capítulo, apresenta uma proposta didática para o trabalho com a produção escrita de gêneros textuais em língua inglesa no Ensino Médio. O quarto capítulo de Aline Batista Rodrigues e Rosinélio Rodrigues da Trindade lançam reflexões acerca da dimensão discursivo-argumentativa das repetições como estratégias referenciais no gênero *redação escolar*, propondo formas de repensar o texto e seu processo de realização.

No quinto capítulo, Alyson Bueno Francisco apresenta as análises de professores-tutores e cursistas no Programa Rede São Paulo de Formação Docente a partir de um viés teórico-investigativo. Não muito diferente da proposta anterior são as reflexões propostas por Elisiane Araújo dos Santos Frazão e Veraluce da Silva Lima, no sexto capítulo, que investigam a conversação na *web* a partir da interface *Facebook*.

Eliana Pereira de Carvalho no sétimo capítulo traz a discussão de uma das obras do escritor Mia Couto em que a questão da temporalidade é discutida no romance estudado. No oitavo capítulo, Iliane Tecchio e Tairine Maia Silva pontuam as metamorfoses sofridas pelo vampiro em filmes a partir da obra do escritor irlandês Bram Stoker. Já as observações inseridas no nono capítulo de Paloma Veras Pereira e José Dino Costa Cavalcante utilizam-se da análise de um romance do escritor José do Nascimento Morais, a partir de um olhar acerca dos excluídos na cidade de São Luís, estado do Maranhão.

No décimo capítulo, Everton Luís Teixeira e Sílvio Holanda navegam reflexivamente nas páginas de Guimarães Rosa e Eric Hobsbawn, direcionando os olhares ao confronto de visões às questões da Segunda Guerra Mundial, analisadas na ótica da leitura histórica e da ficção rosiana. No décimo primeiro capítulo, Natália Tano Portela e Rauer Ribeiro Rodrigues realizam um estudo comparativo entre um dos contos de Clarice Lispector e Alciene Ribeiro, discutem as possíveis aproximações em ambas as narrativas. O décimo segundo capítulo, Dhyovana Guerra e Thaluana Rafael Debarba Baumbach analisam bibliográfica e historicamente as relações de poder estabelecidas pelo período emancipatório de Cascavel, Paraná.

Anísio Batista Pereira, no décimo terceiro capítulo, investiga a memória discursiva nas manifestações sociais ocorridas em 28 de abril de 2017 e problematiza os efeitos de sentido produzidos a partir do entrelaçamento entre o passado e o presente materializados nos discursos. No décimo quarto capítulo, Guilherme Griesang propõe

reconstruir a historiografia a partir da memória bibliográfica sobre a ditadura na Argentina sob o viés de revisitação dos discursos.

O décimo quinto capítulo, Pamela Tais Clein analisa e aproxima o diálogo entre a literatura e o cinema no ensino de língua portuguesa tendo em vista a participação de alunos do terceiro ano do ensino médio, como experiência do Projeto Pibid. No décimo sexto capítulo, Marília Crispi de Moraes discute e analisa experiências de promoção e democratização do acesso à leitura, bem como de fomento à produção literária de grupos excluídos como forma de empoderamento e estímulo ao protagonismo social.

Ezequias da Silva Santos, no décimo sétimo capítulo, traz uma análise entre dois romances, estudando a construção das narrativas e a metaficção em uma perspectiva Neobarroca, como constituição literária das obras analisadas que são reveladas na identidade do texto e durante seu desenvolvimento. No décimo oitavo capítulo, Mariana Pinter Chaves e Ida Lucia Machado estudam e analisam as identidades das personagens na constituição da cena, respaldando-se em alguns estudiosos. E, por fim, no décimo nono capítulo deste livro, Claudia Regina Porto Buzatti aborda como centralidade a inserção da mulher com deficiência visual por meio da escrita, utilizando como *corpus* as modalidades escritas em caracteres braile e em tinta da escritora Elizete Lisboa.

Esperamos que todos os dezenove trabalhos propiciem outras reflexões e inspirem novos conhecimentos na concepção de novos leitores capazes de enxergar em cada texto uma trilha para o desenvolvimento de saberes. Sendo assim, resta-nos desejar aos interlocutores desta coletânea boas reflexões.

Prof. Me. Ivan Vale de Sousa

Organizador

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
TEXTUALIDADES E GÊNEROS TEXTUAIS NA SALA DE AULA	
<i>Ivan Vale de Sousa</i>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>17</b>
LEITURA, ESCRITA E CRITICIDADE: REFLEXÕES A PARTIR DE TEXTOS PRODUZIDOS POR ACADÊMICOS DO 6º PERÍODO DE LETRAS DA UEMA/CESJOP	
<i>Artemio Ferreira Gomes</i>	
<i>Marcos Antônio Fernandes dos Santos</i>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
PRODUÇÃO ESCRITA DE GÊNEROS TEXTUAIS DE LÍNGUA INGLESA NO ENSINO MÉDIO: UMA PROPOSTA DE ARTICULAÇÃO DAS TEORIAS LINGÜÍSTICAS DE ABORDAGEM LEXICAL E APRENDIZAGEM BASEADA EM TAREFAS	
<i>Tiago da Costa Barros Macedo</i>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>40</b>
A DIMENSÃO DISCURSIVA-ARGUMENTATIVA DAS REPETIÇÕES COMO ESTRATÉGIAS REFERENCIAIS NO GÊNERO REDAÇÃO ESCOLAR: UM OUTRO PENSAR SOBRE O TRABALHO COM TEXTOS	
<i>Aline Batista Rodrigues</i>	
<i>Rosinélio Rodrigues da Trindade</i>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>53</b>
A LINGUAGEM ENTRE TUTOR-CURSISTA EM CURSO SEMIPRESENCIAL DE FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES	
<i>Alyson Bueno Francisco</i>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>64</b>
CONVERSAÇÃO NA WEB: UM ESTUDO DOS MARCADORES CONVERSACIONAIS EM USO NO FACEBOOK	
<i>Elisiane Araújo dos Santos Frazão</i>	
<i>Eraluce da Silva Lima</i>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>77</b>
ENTRE FRONTEIRAS CULTURAIS: AS ESTRATÉGIAS DA EMPRESA COLONIAL PORTUGUESA E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO HÍBRIDO EM VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO, DE MIA COUTO	
<i>Eliana Pereira de Carvalho</i>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>89</b>
DRÁCULA DE BRAM STOKER: O PROTAGONISTA IMORTAL	
<i>Iliane Tecchio</i>	
<i>Tairine Maia Silva</i>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>98</b>
UMA SÃO LUÍS DE EXCLUSÕES: UM OLHAR SOBRE OS MARGINALIZADOS NO ROMANCE VENCIDOS E DEGENERADOS	
<i>Paloma Veras Pereira</i>	
<i>José Dino Costa Cavalcante</i>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>113</b>
“NESTES MOMENTOS LÚGUBRES DE ONTEM”: LITERATURA E HISTÓRIA NAS PÁGINAS DE GUIMARÃES ROSA E NAS DE ERIC HOBSBAWM	
<i>Everton Luís Teixeira</i>	

<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>124</b>
DESTINO DE MULHER EM CLARICE LISPECTOR E ALCIENE RIBEIRO <i>Natália Tano Portela</i> <i>Rauer Ribeiro Rodrigues</i>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>134</b>
ENTRE CASCAVÉIS E JAGUNÇOS: AS RELAÇÕES DE PODER ESTABELECIDAS NO PERÍODO EMANCIPATÓRIO DA CIDADE DE CASCAVEL – PR <i>Dhyovana Guerra</i> <i>Thaluan Rafael Debarba Baumbach</i>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>144</b>
EFEITOS DE MEMÓRIA DISCURSIVA NAS MANIFESTAÇÕES SOCIAIS DE 28 DE ABRIL DE 2017: ANÁLISE DE IMAGENS DISPONÍVEIS NA INTERNET <i>Anísio Batista Pereira</i>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>159</b>
DITADURA NA ARGENTINA: A RECONSTRUÇÃO DO PASSADO POR UMA PERSPECTIVA HISTORIOGRÁFICA <i>Guilherme Griesang</i>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>167</b>
A LITERATURA E O CINEMA: UMA PROPOSTA DE DIÁLOGO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA <i>Pamela Tais Clein</i>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>178</b>
OS PONTOS DE CULTURA E A PROMOÇÃO DO EMPODERAMENTO: LEITURA E PRODUÇÃO LITERÁRIA COMO ALAVANCAS DE PROTAGONISMO SOCIAL <i>Marília Crispi de Moraes</i>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>196</b>
OS DETETIVES DE PAPEL E OS DETETIVES EM CARNE E OSSO: A LINGUAGEM NEOBARROCA EM OS DETETIVES SELVAGENS E E NO MEIO DO MUNDO PROSTITUTO SÓ AMORES GUARDEI AO MEU CHARUTO <i>Ezequias da Silva Santos</i>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>208</b>
NARRATIVAS DE VIDA EM CENA: UM ESTUDO SEMIOCÊNICO DAS IDENTIDADES DE PERSONAGENS-ATRIZES NO TEATRO DOCUMENTÁRIO <i>Mariana Pinter Chaves</i> <i>Ida Lúcia Machado</i>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>221</b>
ELIZETE LISBOA: A INSERÇÃO DA MULHER COM DEFICIÊNCIA VISUAL ATRAVÉS DA ESCRITA <i>Claudia Regina Porto Buzatti</i>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>231</b>

## ELIZETE LISBOA: A INSERÇÃO DA MULHER COM DEFICIÊNCIA VISUAL ATRAVÉS DA ESCRITA

### **Claudia Regina Porto Buzatti**

Claudia Regina Porto Buzatti é professora, graduada em Letras com Licenciatura Plena e Habilitação em Inglês pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e tecnóloga em Comunicação Assistiva – Libras e Braille pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS). É natural e reside na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais. Endereço eletrônico: [crpbuzatti@gmail.com](mailto:crpbuzatti@gmail.com)

O presente estudo tem como abordagem central a inserção da mulher com deficiência através da escrita, e se debruça sobre a produção literária em duas escritas - Braille e tinta, da escritora Elizete Lisboa, que se dedica mais intensamente ao universo da criança, produzindo obras de importância no cenário da educação inclusiva no Brasil. Dentre suas publicações pela editora Paulinas estão: “Que será que a bruxa está lavando?” (2005) e “A bruxa mais velha do mundo” (2005).

Elizete Lisboa nasceu em agosto de 1951, no município de Coluna, interior de Minas Gerais. Gostava de brincar com suas irmãs, que tinham pouca diferença de idade entre si. Ao todo eram cinco meninas, quase todas de nomes que começam pela letra E, de escola, de esperança.

1 **Retinose pigmentar** é uma doença genética que afeta a retina e o nervo óptico causando baixa visual e cegueira. Classificação pelo CID 10 – H 35.5 – Distrofias hereditárias da retina. Disponível em: [http://www.medicinanet.com.br/cid10/6062/h355\\_distrofias\\_hereditarias\\_da\\_retina.htm](http://www.medicinanet.com.br/cid10/6062/h355_distrofias_hereditarias_da_retina.htm). Acesso em: Maio/ 2017.

Quando pequena, quase não enxergava nada. Foi diagnosticada com retinose pigmentar<sup>1</sup> e ao longo da vida, foi perdendo lentamente a visão, até ficar completamente cega. Elizete deixou de enxergar, mas manteve para si, o apreço pela vida.

Foi uma infância sofrida, difícil e complicada. Elizete ficou órfã de mãe aos cinco e de pai aos nove anos de idade. Foi levada para casa de sua avó paterna, onde morou por pouco tempo. Logo depois, mudou-se para Belo Horizonte, para casa de seu tio padrinho, com quem viveu por muitos anos.

Elizete, ainda menina, vivenciou grandes perdas de ordem pessoal. Além disto, teve que encarar os desafios que lhe foram impostos pela deficiência visual.

A deficiência visual pode afetar o indivíduo em qualquer idade. Mas, quando acontece na infância, pode causar danos irreparáveis ao desenvolvimento neuropsicomotor da criança, com repercussões educacionais, emocionais e sociais, que podem perdurar por toda a vida, caso não haja tratamento adequado, estimulação precoce, readaptação à rotina diária, orientação, mobilidade, e acima de tudo, participação efetiva da família:

O impacto da deficiência visual (congénita ou adquirida) sobre o desenvolvimento emocional e psicológico varia muito entre os indivíduos. Depende da idade em que ocorre a perda, do grau da deficiência, da dinâmica geral da família, das intervenções que forem tentadas, da personalidade. (MARTINS, 2007, p.30).

Todavia, a deficiência visual não é necessariamente a total incapacidade de ver. Caracteriza-se, entretanto, pela perda total ou parcial da visão, podendo ser considerada como severa, moderada ou leve e ainda, congênita ou adquirida; variando de acordo com o nível de acuidade visual. Assim, a deficiência visual pode ser classificada como cegueira ou visão subnormal (baixa visão)<sup>2</sup>.

No escopo da classificação médica, conforme o texto da ACSM (American College of Sports Medicine) (1997) citado por Fugita (2002), a cegueira pode ser definida como:

*Cegueira por acuidade:* significa possuir visão de 20/200 pés ou inferior, com a melhor correção (uso de óculos). É a habilidade de ver em 20 pés ou 6,096 metros, o que o olho normal vê em 200 pés ou 60,96 metros (ou seja, 1/10 ou menos que a visão normal), onde 1pé = 30,48 cm.

*Cegueira por campo visual:* significa ter um campo visual menor do que 10° de visão central - ter uma visão de túnel.

*Cegueira total ou “não percepção de luz”:* é a ausência de percepção visual ou a inability de reconhecer uma luz intensa exposta diretamente no olho. (FUGITA, 2002).

Em Kirk e Gallagher (1991), a classificação é baseada em um padrão de eficiência visual, que de certo modo é abstrato. Além disso, utiliza-se do instrumento padrão Escala de Snellen como medida.

Neste contexto, uma pessoa é considerada deficiente visual quando tem seu desempenho escolar afetado por esta deficiência, sofrendo uma limitação sobre a habilidade crítica da leitura (KIRK; GALLAGHER, 1991).

Deste modo, pode-se conceituar pessoa cega e pessoa com baixa visão como

*Pessoa Cega:* aquela que possui perda total ou resíduo mínimo de visão necessitando do método Braille, como meio de leitura e escrita e/ou outros métodos, recursos didáticos e equipamentos especiais, para o processo ensino-aprendizagem.

*Pessoa com baixa visão ou visão subnormal:* aquela que possui resíduos visuais em grau que permitam ler textos impressos à tinta, desde que se empreguem recursos didáticos e equipamentos especiais, excluindo as deficiências facilmente corrigidas pelo uso adequado de lentes. (KIRK; GALLAGHER, 1991).

Através da utilização dos recursos e estratégias de tecnologias assistivas, é possível promover autonomia, “empoderamento” e melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiência, “possibilitando ou acelerando seu processo de aprendizado, desenvolvimento e inclusão social e apontando para o fim da ainda bem presente invisibilidade dessas pessoas em nossa sociedade” (FILHO; DAMASCENO; 2008).

Portanto, entende-se como recursos de tecnologias assistivas:

---

2 Organização Mundial da Saúde. Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde - Décima Revisão. 10ª. ed. rev. São Paulo: EDUSP, 2003.

[...] qualquer produto, instrumento, estratégia, serviço e prática, utilizado por pessoas com deficiências e pessoas idosas, especialmente produzido ou geralmente disponível, para prevenir, compensar, aliviar ou neutralizar uma deficiência, incapacidade ou desvantagem e melhorar a autonomia e a qualidade de vida dos indivíduos.

[...] qualquer produto, instrumento, equipamento ou sistema tecnológico, de produção especializada ou comumente à venda, utilizado por pessoa com deficiência para prevenir, compensar, atenuar ou eliminar uma deficiência, incapacidade ou desvantagem (CNAT, 2005 *apud* FILHO; DAMASCENO, 2008, p.6 -7).

O Braille é o código universal de leitura tátil e escrita, utilizado pelas pessoas cegas, “indispensável na formação social e política de cegos, possibilitando processo de alfabetização e garantindo que pessoas alfabetizadas neste sistema tenham acesso a informações diversas”<sup>3</sup> na literatura, matemática, física, química, música, informática, artigos acadêmicos e científicos, dentre outros.

Louis Braille, um jovem cego, nascido em Coupvray, França, em 04 de janeiro de 1809, foi o responsável pela criação do Sistema Braille. O método foi desenvolvido a partir do sistema de leitura noturna para uso militar, de Charles Barbier.

O Sistema Braille consiste de “um código de sinais em relevo, que representam letras, sinais de pontuação, números, notações musicais e outros. Os caracteres em relevo se formam pela combinação de seis pontos, dispostos em duas colunas, podendo-se obter 63 diferentes sinais”<sup>4</sup>.

No dia 08 de Abril, comemora-se o Dia Nacional do Sistema Braille e no dia 04 de Janeiro o Dia Mundial do Braille. O Braille pode ser considerado como recurso de tecnologia assistiva indispensável e fundamental. Em entrevista, Regina Oliveira, membro do Conselho Iberoamericano e do Conselho Mundial do Braille, elucida que

Por mais que tenhamos todos os recursos tecnológicos, que também ajudam na formação, ainda é necessário que as pessoas cegas tenham o contato direto com a escrita. Devemos também considerar que, para aqueles que gostam de ler, nada substitui o prazer de ter um livro nas mãos, sentindo-lhe o cheiro, virando-lhe as páginas, em busca de novas revelações ou voltando-as para reviver as sensações agradáveis do que já foi descoberto. É preciso o estímulo dos professores e familiares para o uso do braille para alfabetização da criança para que ela não adquira uma cultura só pelo ouvir. Caso ela não tenha o contato direto com a simbologia vai ser muito difícil aprender matemática, química, física e biologia, por exemplo.<sup>5</sup> (OLIVEIRA, 2016).

Segundo o vice-presidente da Federação Nacional de Cegos dos EUA – FNC, Frederic Schroeder, há um dado alarmante: 90% das crianças cegas estão crescendo sem saber ler e escrever, pois as novas ferramentas possibilitam um tipo passivo de leitura. Ao contrário do Braille, que permite uma leitura mais ativa, onde o cérebro absorve as letras, a pontuação, a estrutura do texto e outros aspectos. Regina Oliveira

3 Fonte: FUNDAÇÃO DORINA NOWILL – Artigos – 04/01 – Dia Mundial do Braille. Disponível em: <<https://www.fundacaodorina.org.br/blog/0401-dia-mundial-do-braille/>>. Acesso em Maio/2017.

4 Fonte: Instituto Benjamin Constant. Material de divulgação (folder informativo). Rio de Janeiro, 2014.

5 Fonte: FUNDAÇÃO DORINA NOWILL – Artigos – 04/01 – Dia Mundial do Braille. Disponível em: <<https://www.fundacaodorina.org.br/blog/0401-dia-mundial-do-braille/>>. Acesso em Maio/2017.

(2016) reitera

É importante lembrar que, mesmo com avanços tecnológicos, as pessoas que enxergam, ainda são alfabetizadas na forma convencional de escrita e leitura, o computador não substituiu a escrita a lápis ou à caneta, então, vale considerar que para as pessoas cegas, o braille é importante para o desenvolvimento cognitivo (OLIVEIRA,2016).

Elizete Lisboa foi “uma criança cega num Brasil de outros tempos, quando estar na escola, não era nada fácil.” (LISBOA, 2012)<sup>6</sup>.

A escola, da pequena cidade de Coluna, tinha poucos recursos que pudessem auxiliar o aprendizado de Elizete, que enxergava muito pouco. Aos sete anos de idade, tentaram alfabetizá-la, como se fosse uma criança que enxergava, o que de fato, não foi possível.

Apesar disto, algo surpreendente aconteceu naquela escola. O incentivo da professora Iracema Aguiar, que lia e contava muitas histórias em sala de aula, despertou em Elizete o interesse pelos livros, ainda que ela não tivesse contato com livros em sua casa, já que seus pais não tinham hábito de leitura. Elizete queria poder ler o mundo, mas era preciso aprender a ler em Braille também.

Elizete Lisboa deixou sua cidade natal e mudou-se para Belo Horizonte para viver com seu tio padrinho. Aos nove anos de idade, ela foi alfabetizada em Braille, no Instituto São Rafael (escola especializada na educação de pessoas com deficiência visual), onde estudou durante oito anos. Quando saiu do Instituto São Rafael, já adolescente, foi para o Colégio Santa Maria, onde ficou durante três anos.

Elizete pôde trabalhar desde os nove anos essa leitura ativa proporcionada pelo sistema Braille, e que certamente viabilizou sua inserção na escrita, além de ajudar no desenvolvimento da sua capacidade cognitiva.

O aprendizado do Braille lhe trouxe novas possibilidades: o acesso ao conhecimento, autonomia e a possibilidade de se comunicar com o mundo, através das palavras - pontos em relevo que ela escrevia no papel.

Elizete também queria saber usar lápis, papel e caneta para poder aprender a “escrita das pessoas que enxergam”.<sup>7</sup> Escrever desta forma era necessário, algo que ela julgava ser imprescindível, para que pudesse interagir e expressar-se melhor com as pessoas videntes.<sup>8</sup>

Quando Lisboa foi estudar no Curso de Inglês ETIMG, conheceu um ótimo professor de Português. Elizete relata que “achava o professor muito inteligente. Ele sabia de tudo e me ensinou demais da conta e a minha decisão de fazer Português, de algum modo, foi por causa deste professor”. (LISBOA, 2017)<sup>9</sup>

Então, devido ao grande apreço pela Língua portuguesa e movida por um desejo enorme em ter acesso à literatura, Lisboa decide fazer o Curso de Letras, da

6 LISBOA, Elizete. Cadê a monstrinha?

7 Refere-se à escrita a tinta.

8 Vidente: pessoa que enxerga.

9 Entrevista exclusiva com a autora Elizete Lisboa, concedida a Claudia Buzatti, em Junho de 2017, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Universidade Federal de Minas Gerais.

Apesar de sua obstinação, vale lembrar que Lisboa faz parte de dois grupos de minorias sociais – ela é uma mulher, como também é uma mulher cega. Afora sua condição de mulher, sua deficiência visual tornou extremamente difícil fazer Letras na UFMG. Naquele tempo, apesar de Elizete fazer algumas anotações das aulas em Braille, ela não tinha acesso à leitura em Braille. O acervo da biblioteca em Braille, quase não existia, de tão pequeno que era. Sem autonomia para ler Braille, Elizete precisa recorrer ao auxílio dos professores e colegas de sala, que liam textos e livros para ela. Muitos destes livros acabaram sendo gravados por seus colegas de sala, a fim de poder auxiliá-la em seu aprendizado. Estudar era uma tarefa difícil demais: árdua e dispendiosa. Muitas aulas tinham que ser gravadas, e tanto o gravador, quanto as fitas cassete, eram muito caros. Mas, só assim, Elizete teria alguma chance de estudar e se formar.

Entretanto, Elizete é uma mulher de garra, que não se sujeita às limitações. Ela segue adiante e não se enverga diante do preconceito e dos obstáculos, que lhe são impostos por seu gênero e por sua deficiência visual.

Elizete Lisboa diz que “foi muito difícil fazer Letras, mas possível! Como? Com gravações, com alguma coisa copiada em Braille. Mas, sobretudo, com a atenção de seus professores e colegas de sala de aula”. (LISBOA, 2017)<sup>10</sup>

Lisboa é, acima de tudo, uma mulher que não se contenta em ficar escondida nas sombras, à margem da falta de acesso à educação. Desde criança, anseia - por toda esta riqueza do conhecimento adquirida através dos livros, que estava sendo oferecida a todos nos colégios, e posteriormente, na faculdade.

Em 1976, graduou-se pela Faculdade de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais. Elizete relata que não foi fácil concluir seu curso superior. “Era difícil, mas havia uma determinação muito forte: o desejo de aprender tudo! Eu queria estudar! Eu queria aprender!” (LISBOA, 2017)<sup>11</sup>

A educação das mulheres é fundamental, para que haja sua integração social plena e sua efetiva participação em todos os segmentos sociais - política, economia, saúde, educação, dentre outros. A educação garante os direitos mais básicos das crianças, possibilita a formação intelectual das pessoas, a possibilidade do diálogo e as mudanças sociais.

A militância das mulheres é algo que tem sido feito ao longo da história. Professoras, educadoras, jornalistas, oradoras, escritoras e tantas outras mulheres: feministas carregadas e munidas com suas escritas atiram suas palavras em prol dos direitos, da saúde, da segurança, da educação, das condições de igualdade, da emancipação e do empoderamento das mulheres. Reflexões a cerca da condição feminina, remonta os séculos passados e perdura até os dias de hoje:

[...] diremos que: queremos a nossa emancipação – a regeneração dos costumes;

10 Entrevista exclusiva com a autora Elizete Lisboa em Junho de 2017, Belo Horizonte

11 Entrevista exclusiva com a autora Elizete Lisboa em Junho de 2017, Belo Horizonte

queremos reaver nossos direitos perdidos; queremos a educação verdadeira que não se nos tem dado a fim de que possamos educar também nossos filhos; queremos a instrução pura para conhecermos nossos direitos, e deles usarmos em ocasião oportuna; queremos conhecer os negócios do casal, para bem administrá-los quando a isso formos obrigadas; queremos enfim saber o que fazemos o porque o pelo que das cousas; queremos ser companheiras de nossos maridos e não escravas; queremos saber o como fazemos negócios fora de casa; só o que não queremos é continuar a viver envergonhadas. (*O Sexo Feminino*, ano 1, n.8, 25 de outubro de 1873. In: ROSA, Gerlice Teixeira. *A Senhorinha do século XIX – imagem da jornalista Francisca Senhorinha da Motta Diniz nas páginas de O Sexo Feminino*. Monografia (Comunicação Social), Universidade Federal de Viçosa, 2008)<sup>12</sup>

[...] a mulher se faz por si mesma, e, para isso precisa acotovelar os preconceitos e voar o pensamento para além das pequeninas minudencias da vida e das futilidades sociaes” (MOURA.1934, p.60 apud LAGUARDIA)<sup>13</sup>

Esta vontade inquietante – este anseio de liberdade - este desejo latente de expressar nossas ideias, de revelar nossos pensamentos, de fazer valer nossas opiniões, de fazer valer nossos direitos, de escrever e de registrar tudo - estão impregnados em todas nós, mulheres, como ecos das vozes de nossas ancestrais.

Há muitas mulheres, que de algum modo se fizeram visíveis na sociedade atual. Outras nem tanto, continuam negligenciadas em algum canto escuro por aí afora. Por isso, há que se lutarem, umas, pelos direitos das outras. Ser mulher demanda observância e militância constante.

Elizete faz parte do conjunto de todas estas mulheres que saíram das sombras e, assim como a “Fênix”,<sup>14</sup> ressurgiram das cinzas; altivas<sup>15</sup>, empoderadas e capazes de alçar os mais belos vôos!

A professora Elizete Lisboa, lecionou durante trinta anos, em um curso de português particular criado por ela mesma, que foi frequentado por centenas de alunos, todos videntes. Mas a partir de 1998, Elizete passa a dedicar-se a escrever literatura infantojuvenil, em prosa poética, dando zelo pelas belezas, tratamento primoroso para as palavras, atentando para suas sonoridades e possíveis musicalidades – trava línguas, arranjo, harmonização, até que lhe pareça, bem agradável para se ouvir.

Quando a Constituição Brasileira determina que a criança cega tem que estudar preferencialmente na escola comum, Elizete passa a estar atenta para a questão, pois sabia que não havia material educacional adaptado, de modo que pudesse fazer o acolhimento das crianças cegas na escola comum. Elizete estava convicta de que faltaria um material adequado, para a criança cega que vinha para a escola comum - um livro com duas escritas. Pois, quando uma criança cega é educada por outro cego, não há necessidade tão grande de um livro com duas escritas, o que não acontece no outro caso.

12 DUARTE, et.al. **Escritoras de ontem e de hoje** – Antologia. Ed. Mulheres. Florianópolis, 2012

13 Grupo de Pesquisa Letras de Minas. Belo Horizonte: Ano 7, No.14, 2017. ISSN:2319-0094

14 Fênix – pássaro da mitologia grega, que entrava em autocombustão quando morria, renascendo de suas próprias cinzas, algum tempo depois. Outra característica é a força que este pássaro mitológico tem, para transportar cargas pesadas.

15 Altiva – orgulhosa; dignas de.

Elizete tinha plena consciência da importância de colocar esse material didático no mercado, visando promover a interação da “criança que enxerga” com a “criança que não enxerga”, através de livros escritos e impressos em duas escritas - Braille e tinta:

A importância do braille para crianças com deficiência visual é evidente, uma vez que esse conhecimento permite que ela desenvolva sua personalidade, aptidões, bem como suas capacidades mental e física, pois possibilita a interação com o conhecimento organizado (CERQUEIRA, 2009). Além disso, o ensino de braille para crianças sem deficiência visual pode proporcionar o enriquecimento cognitivo e pessoal da criança, com a aquisição de um novo meio de comunicação (braille) e a valorização da diversidade humana.(RESENDE; RESENDE FILHO, 2012)

Foi feita uma ampla pesquisa sobre o assunto, para saber como estava acontecendo a inclusão da criança cega na escola comum, nos Estados Unidos, na Inglaterra, no Canadá, na Austrália. Em 1998, quando já era uma realidade no Brasil, as crianças cegas estudando nas escolas comuns, Elizete decide dar início à seu trabalho com literatura infantil, livro com duas escritas (Braille e tinta).

O projeto de Elizete Lisboa foi pioneiro e inusitado. Tratava-se da produção de livros em duas escritas – Braille e tinta, que é de extrema importância no processo de inclusão das crianças cegas na escola comum. Elizete tinha conhecimento suficiente, não só para produzir texto literário, como também para colocar o Braille nos livros de modo mais adequado para que pudesse atender ao mesmo tempo a “criança que enxerga”<sup>16</sup> e “criança que não enxerga.”<sup>17</sup> Elizete iniciou sua produção literária e conseguiu através de seus livros impressos em duas escritas (Braille e tinta), interagir o universo de ambas as crianças. Em entrevista, Elizete Lisboa<sup>18</sup> nos disse “Eu queria que o livro atendesse as duas crianças com muita eficiência. Então tinha que ser um livro bonito, bem ilustrado, para agradar a criança que enxerga e tinha que ter o Braille colocado de uma maneira que não fosse atrapalhar a criança que vê” e ainda “O livro tinha que ser lúdico, tinha que ser brincante.” (LISBOA, 2017).

É necessário que haja beleza nos livros para poder cativar o leitor - tanto “criança que enxerga”, quanto “criança que não enxerga”, que poderão ser surpreendidas pelo encantamento proporcionado pela leitura:

minha primeira preocupação é em fazer um texto que seja bonito, que seja agradável e que a criança tenha vontade de ler de novo. Então, eu não estou preocupada em passar uma mensagem, ensinar nada. Assim, o que eu quero é ajudar a criança a se tornar leitora pelo prazer de ler. Eu quero que quem leia meu texto, tenha prazer de ler. Então, o que me move é a busca da beleza, é a busca do encantamento. (LISBOA, 2017)<sup>19</sup>

Lisboa quer transmitir suas ideias a todas as crianças do mundo - a inquietude

16 Elizete Lisboa, por vezes, refere-se a “criança vidente” como “criança que enxerga”.

17 A criança cega é frequentemente tratada por Elizete Lisboa, como “criança que não vê”.

18 Entrevista exclusiva com a autora Elizete Lisboa em Junho de 2017, Belo Horizonte.

19 Entrevista exclusiva com a autora Elizete Lisboa, concedida a Claudia Buzatti, em Junho de 2017, em Belo Horizonte, Minas Gerais.

de sua voz interior - pensamentos que anseiam estar escrito em páginas, tanto em Braille, quanto em tinta.

A escritora Elizete Lisboa, segundo comentário de Vera Lúcia Godoi de Faria:

Prefere escrever para crianças pela sua fertilidade de imaginar e sonhar com o “impossível possível”, assim como bruxas velhas e feias querem o romantismo de um casamento com flores e serenatas. Seu texto sem preconceito e divertido agrada também adultos, por isso, considera-se privilegiada, porque atinge um público grande, já que suas produções são lidas por crianças *cegas* e crianças que enxergam. Para ela os limites não existem, como sugere o verso que introduz seu livro *Benquerer bem amar*, para quem a imaginação permite um mundo de sonho e fantasia:

Há palavras para as cores.

Há palavras para o invisível

E até para o que não existe.

Com palavras, podemos ver.

Então, o que é o não ver? (LISBOA, apud FARIA, 2012)

O objetivo de Elizete, com seu livro em duas escritas, é poder unir o universo das duas crianças, entrelaçando duas escritas, em um Braille brincante, sabendo que são todas as crianças que gostam de brincar. Ela quer que seus livros estejam em todas as bibliotecas e não somente disponíveis aos acervos das bibliotecas das “crianças que não enxergam”.

Elizete Lisboa, além de empoderar-se e inserir-se socialmente através da escrita, conseguiu fazer com que as duas crianças: aquelas “que enxergam” e aquelas “que não enxergam”, abracem a leitura dos seus livros impressos em duas escritas - Braille e tinta.

Sua produção literária tem sido editada em sua maioria, pela Editora Paulinas, que deve lançar ainda neste ano, seu décimo livro. Dentre o conjunto de sua obra, estão: “*Quero Brincar*”, “*Benquerer bem amar*”, “*Cadê a monstrinha?*”, sendo que seus lançamentos mais recentes são “*Enquanto João-garrancho dorme*” e “*Madrugada na Casa do Bruxo*”. Foram publicados ainda “*Que será que a bruxa está lavando?*”, “*A bruxa mais velha do mundo*” e “*Firirim finfin*”. Sua obra

reflete personagens alegres e risonhos, e o que é mais importante, com sonhos possíveis de realizar, como casar, viajar, cantar e escrever. Embora seus personagens não sejam gente como a gente, eles encarnam seres e animais que gostaríamos de ser se pudéssemos escolher (FARIA, 2012).

Seus livros são de grande importância no cenário da educação inclusiva nacional, tendo sido adquiridos pelo Governo para serem distribuídos a escolas públicas, em diversos estados e municípios, além de constarem também em acervos de diversas bibliotecas. Elizete já foi premiada pela Revista Sentidos.

Elizete Lisboa é uma mulher alegre, que tem uma postura positiva diante da vida e nos surpreende com sua determinação. Primeiro, veio o aprendizado do Braille - o início de tudo! Algum tempo depois, a graduação em Letras. Elizete também cursou

Inglês, lecionou Português, aprendeu a tocar um pouco de piano e acordeom. Hoje, ministra oficinas de Braille para crianças e adultos. Divulga seus livros *Brasil afora*, contando histórias ao som de seu acordeom.

Que será que a bruxa de Elizete Lisboa está lavando? Ela estava lavando a carteira daquela menina, que ficava sentada no fundo sala, com medo do escuro. A menina foi assombrada pelo fantasma do preconceito e logo fugiu correndo...

Mas, onde será que foi parar esta menina? Cadê esta monstrixinha? Dizem que foi raptada por uma assombração chamada exclusão, que se esconde enquanto João-garrancho dorme!

A Bruxa mais velha do Mundo foi convocada para resolver toda confusão! Saiu voando com seu caldeirão, madrugada afora em direção da Casa do Bruxo. Ascendeu o caldeirão e começou a fazer suas porções mágicas: um pouco de Benquerer bem amar, pitada de letras, palavras e muito Braille brincante! Firirim Finfin ascendeu um clarão, que espantou a assombração da exclusão!

E lá se encontram duas meninas, uma enxergava e a outra não, brincando juntas de Braille, sem medo de escuridão! (BUZATTI, 2017)<sup>20</sup>

Elizete Lisboa é uma autora que se inscreve através da escrita (Braille e tinta) e luta pela diversidade, em prol da inclusão. Elizete, a sábia “*Bruxa mais Velha do Mundo*” afirma que

A coisa mais chique do mundo é o cego sair para o meio das outras crianças e todo mundo passar a estar mais atento, não só a cegueira, mas a diversidade humana como um todo. Acho que é um ganho para a sociedade quando as pessoas passam a ter isso como assunto, ter isso como um olhar necessário, que aí no mundo começa a caber mais gente. <sup>21</sup> (LISBOA, 2017).

## REFERÊNCIAS

DUARTE, et.al. **Escritoras de ontem e de hoje** – Antologia. Ed. Mulheres. Florianópolis, 2012

FARIA, Vera Lucia Godoi de. **Elizete, um olhar sob a literatura infantil - Anais do IV Colóquio Mulheres em Letras – Memórias, Transgressão, Linguagem**. Belo Horizonte: FALE – UFMG, p.139-143, 30 maio 2012. Site: <https://www.mulheresletras.com/eventos>

FILHO, Teófilo Alves Galvão; DAMASCENO, Luciana Lopes. **Tecnologia assistiva em ambiente computacional – recursos para a autonomia e inclusão sócio-digital da pessoa com deficiência**. Tecnologia Assistiva nas Escolas. Rio de Janeiro, 2008.

FUGITA, M. **A percepção do próprio nadar, de nadadores deficientes visuais e nadadores videntes**. 2002. 81f. Dissertação (Mestrado)\_Faculdade de Educação Física, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2002.

FUNDAÇÃO DORINA NOWILL. **Artigos – Dia Mundial do Braille**. Disponível em: <<https://www.fundacaodorina.org.br/blog/0401-dia-mundial-do-braille/>>. Acesso em Maio de 2017.

GALVÃO FILHO, T. A. **A Tecnologia Assistiva: de que se trata?** In: Conexões: educação, comunicação, inclusão e interculturalidade. 1 ed. Porto Alegre: Redes Editora, 2009.

20 Homenagem à obra da autora Elizete Lisboa, por Claudia Buzatti.

21 Entrevista exclusiva com a autora Elizete Lisboa em Junho de 2017, Belo Horizonte.

- KIRK, S. A; GALLAGHER, J. J. **Educação da criança excepcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LISBOA, Elizete. **A bruxa mais velha do mundo** São Paulo: Editora Paulinas, 5ª ed. 2014
- LISBOA, Elizete. **Benquerer bem amar** São Paulo: Paulinas, 3ªed., 2011
- LISBOA, Elizete. **Cadê a monstrinha?** São Paulo: Editora Paulinas, 2012
- LISBOA, Elizete. **Enquanto João-garrancho dorme** São Paulo: Editora Paulinas, 2014
- LISBOA, Elizete. **Firrim Finfim** São Paulo: Editora Paulinas, 4ªed., 2009
- LISBOA, Elizete. **Madrugada na casa do Bruxo** Belo Horizonte: Lê, 2012
- LISBOA, Elizete. **Que será que a bruxa está lavando** São Paulo: Editora Paulinas, 2006
- MARTINS, Juarês Gomes. **A Cegueira às claras**. Belo Horizonte: O Lutador, 2007.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionadas à Saúde - Décima Revisão**. 10. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.
- LAGUARDIA, A. **Maria Lacerda de Moura e Miguel Bombarda: perspectivas da ciência no limiar do século XX**. In: *Women, Science and Globalization. What's up?* Lisboa: AMONET, 2012 p.121-129. ISBN: 978-972-591-821-0. Disponível em: <http://amonet.pt/>.
- DE RESENDE, Alessandra Rodrigues; RESENDE FILHO, João Batista Moura de. **Inserção de disciplinas de braille na grade curricular do Ensino Fundamental da educação básica**. *Benjamim Constant*, Rio de Janeiro, v.18, número 53, p.5-12, dez.2012.

## **SOBRE O ORGANIZADOR**

**Ivan Vale de Sousa** Mestre em Letras pelo Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino, pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pelo Instituto de Artes da Universidade de Brasília (UnB). Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em Docência da Língua Inglesa pela AVM Faculdade Integrada. Licenciado em Letras: Português/ Espanhol e Respectivas Literaturas pela Fundação Universidade do Tocantins (UNITINS). Licenciado em Teatro pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Professor efetivo na Escola Municipal de Ensino Fundamental Novo Horizonte em Parauapebas, sudeste do Pará.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-85107-13-0

